

EMBARGO: NENHUM TIPO DE PUBLICAÇÃO ANTES DAS 10h00 CEST (Horário de verão da Europa Central) em Genebra (GMT +2, EDT +6) em 15 de junho de 2017

Índice de Inovação Global 2017: Suíça, Suécia, Países Baixos, EUA e RU na Classificação Anual dos Melhores

GENEBRA, 15 de junho de 2017 – A Suíça, a Suécia, os Países Baixos, os Estados Unidos e o Reino Unido são os países mais inovadores do mundo, ao passo que um grupo de nações, entre as quais a Índia, o Quênia e o Vietname, têm ultrapassado, em termos de desempenho, seus homólogos em nível de desenvolvimento, segundo o Índice Global de Inovação de 2017, elaborado em coautoria pela Universidade Cornell, pelo INSEAD e pela Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI).

As principais constatações mostram a ascensão da Índia como centro emergente de inovação na Ásia, altos desempenhos de inovação na África Subsaariana com relação ao desenvolvimento, bem como uma oportunidade de aperfeiçoar a capacidade de inovação na América Latina e no Caribe.

A cada ano, o GII faz um levantamento entre cerca de 130 economias que utilizam dezenas de indicadores, desde registros de patentes até despesas em educação que fornecem aos decisores uma análise de alto nível das atividades de inovação que cada vez mais presidem ao crescimento econômico e social. Constituindo uma nova funcionalidade para o GII, uma seção especial analisa os “focos de inventividade” no mundo inteiro que mostrem a mais alta densidade de inventores listados em pedidos internacionais de registro de patentes.

Agora já na sua décima edição, o GII de 2017 assinala um fosso constante na capacidade de inovação entre as nações desenvolvidas e em desenvolvimento, bem como medíocres índices de crescimento para as atividades de pesquisa e desenvolvimento (P&D), tanto no âmbito governamental como empresarial.

“A inovação é o motor do crescimento econômico numa economia global cada vez mais baseada no conhecimento, mas um maior volume de investimentos é necessário para estimular a criatividade humana e o desempenho econômico”, diz Francis Gurry, Diretor-Geral da OMPI. “A inovação pode ajudar a transformar a atual retomada econômica em crescimento a longo prazo.”

Classificações Globais

1	Suíça (N° 1 em 2016)	14	Japão (16)
2	Suécia (2)	15	França (18)
3	Países Baixos (9)	16	Hong Kong (China) (14)
4	Estados Unidos da América (4)	17	Israel (21)
5	Reino Unido (3)	18	Canadá (15)
6	Dinamarca (8)	19	Noruega (22)
7	Singapura (6)	20	Áustria (20)
8	Finlândia (5)	21	Nova Zelândia (17)



9	Alemanha (10)	22	China (25)
10	Irlanda (7)	23	Austrália (19)
11	República da Coreia (11)	24	República Checa (27)
12	Luxemburgo (12)	25	Estônia (24)
13	Islândia (13)		

Em 2017, a Suíça lidera as classificações pelo sétimo ano consecutivo, com as economias de rendimento elevado ocupando 24 das 25 posições mais elevadas – sendo a China uma exceção, na 22ª posição. Em 2016, a China tornou-se a primeira economia de rendimento médio a se posicionar entre as 25 do topo da classificação.

“Os esforços para superar o fosso da inovação têm de começar com o estímulo da tomada de consciência das economias emergentes dos seus pontos fortes e fracos em matéria de inovação e com a criação de políticas e indicadores adequados,” declarou Soumitra Dutta, da Faculdade de Administração de Empresas, Reitor da Universidade Cornell. “Este tem sido o objetivo do GII há mais de dez anos.”

Um grupo de economias de rendimento médio e baixo tem registrado um desempenho na área da inovação significativamente melhor do que o seu nível atual de desenvolvimento poderia pressupor: Um total de 17 economias inclui esses “conquistadores da inovação” este ano, marcando um leve aumento em relação a 2016. Ao todo, nove dentre eles são oriundos da região da África Subsaariana, como o Quênia e Ruanda, e três são oriundos da Europa Oriental.

Paralelamente a locomotivas da inovação como a China, o Japão e a República da Coreia, um grupo de economias asiáticas que inclui a Indonésia, a Malásia, Singapura, a Tailândia, as Filipinas e o Vietname tem feito um grande esforço em prol do aperfeiçoamento dos seus ecossistemas de inovação e da conquista de uma posição elevada em um certo número de indicadores importantes relacionados com a educação, P&D, crescimento da produtividade e, entre outros, de exportações de produtos de alta tecnologia.

Tema do GII de 2017: “A Inovação Nutrindo o Mundo”

O tema do GII de 2017, “A Inovação Nutrindo o Mundo”, leva em conta a inovação realizada nas áreas da agricultura e dos sistemas alimentares. No decorrer das próximas décadas, os setores da agricultura e da alimentação enfrentarão um enorme aumento na demanda global e uma maior concorrência relativamente a recursos naturais limitados. Além disso, será necessário adequar-se a alterações climáticas que terão de ser atenuadas. A inovação é uma condição fundamental para sustentar o aumento da produtividade exigido com vista a enfrentar essa demanda crescente e a permitir o reforço das redes que integram a produção sustentável de alimentos, bem como a gestão do processamento, da distribuição, do consumo e dos resíduos do que convencionamos chamar de sistemas alimentares.



“Já estamos assistindo a uma rápida emergência mundial da ‘agricultura digital’, que pressupõe drones, sensores baseados em satélites e robótica de campo”, disse Bruno Lanvin, Diretor Executivo do INSEAD para Índices Globais. “Atualmente há necessidade urgente de uma ‘agricultura inteligente’, com vista a otimizar as cadeias de suprimento e distribuição e a reforçar novos modelos empresariais criativos que reduzam a pressão na terra, na energia e em outros recursos naturais – atendendo, ao mesmo tempo, às necessidades das populações mais pobres do planeta.”

“Por volta de 2050, estima-se que a população mundial estará em 9,7 bilhões. Será um desafio assustador para o setor global agrícola. Tal contexto prenuncia uma crise global alimentar potencial, se os responsáveis pela elaboração de políticas e outras partes interessadas falharem na implementação de inovações agrícolas que dinamizem significativamente a produtividade”, diz Barry Jaruzelski, Responsável pela Strategy&, o grupo de consultoria estratégica da PwC.

Líderes Regionais em Matéria de Inovação

Região / Classificação	País	Classificação Global no GII 2017
América do Norte		
1	Estados Unidos da América	4
2	Canadá	18
África Subsaariana		
1	África do Sul	57
2	Ilha Maurício	64
3	Quênia	80
América Latina e Caribe		
1	Chile	46
2	Costa Rica	53
3	México	58
Ásia Central e do Sul		
1	Índia	60
2	Irã, República Islâmica do	75
3	Cazaquistão	78
África do Norte e Ásia Ocidental		
1	Israel	17
2	Chipre	30
3	Emirados Árabes Unidos	35
Sudeste Asiático, Ásia Oriental e Oceania		
1	Singapura	7
2	República da Coreia	11
3	Japão	14
Europa		
1	Suíça	1
2	Suécia	2



América do Norte

Dois países da América do Norte – EUA (4ª posição global) e Canadá (18ª posição global) – mostram mercados financeiros particularmente sofisticados e intensidade nas atividades de capitais de risco, o que ajuda a estimular as atividades econômicas do setor privado.

Os pontos fortes do EUA também incluem a presença de universidades e empresas de alta qualidade que desenvolvem atividades globais de P&D, a qualidade das publicações científicas, gastos em *software*, bem como o desempenho de seus polos de inovação.

O Canadá distingue-se pela facilidade na criação de empresas e pela qualidade das suas publicações científicas, ao mesmo tempo que o seu contexto político, regulamentar e empresarial acarreta altas avaliações. O Canadá tem registrado melhorias no seu sistema educacional.

Europa

Na edição deste ano do GII, 15 das 25 melhores economias globais estão situadas na Europa. A Europa é particularmente forte nas áreas do capital humano e pesquisa, da infraestrutura e na sofisticação empresarial.

As economias europeias ocupam as mais altas posições em quase a metade dos indicadores que compõem o GII e incluem emprego de conhecimento intensivo, colaboração na área da pesquisa entre universidades e indústrias, pedidos de registro de patentes, artigos científicos e técnicos, bem como qualidade das publicações científicas.

Sudeste Asiático, Ásia Oriental e Oceania

A República da Coreia mantém sua alta posição global na área de registro de patentes e outros indicadores relacionados com a PI, posicionando-se em segundo lugar em matéria de capital humano e pesquisa, com um setor empresarial que contribui de maneira significativa para os esforços na área da P&D.

O Japão, que ocupa a terceira posição na região, se encontra entre as 10 melhores economias globais para a pesquisa e o desenvolvimento, as tecnologias da informação e da comunicação, o comércio, a concorrência, a escala de mercado, a absorção de conhecimentos, a criação e a divulgação.

A China continua a progredir na avaliação global do GII (22ª posição global neste ano), refletindo altos desempenhos na sofisticação empresarial, bem como nos seus resultados em termos de conhecimentos e tecnologia. Este ano, a China apresenta fortes desempenhos em vários indicadores, entre os quais a



presença de empresas de P&D global, pesquisadores de alta qualidade na área de empreendimentos comerciais, pedidos de registro de patentes e outras variáveis relacionadas com a PI.

No âmbito da Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN), Singapura registra os melhores desempenhos na maioria dos indicadores, com algumas notáveis exceções: exportações de serviços de TIC, em que as Filipinas lideram, e gastos em educação, área na qual o Vietname é líder.

Os pontos fortes da Tailândia incluem exportações de mercadorias criativas e despesa interna bruta em pesquisa e desenvolvimento (GERD) financiada pelas empresas, em que se posiciona em 5ª e 6ª posições globais.

O Vietname ocupa a segunda melhor posição da região em matéria de gastos com educação e também apresenta bons desempenhos em matéria de crescimento da produtividade do trabalho, de investimentos à escala de toda a economia, bem como de influxos líquidos de investimento estrangeiro direto.

A Malásia ocupa uma boa posição nas importações e exportações de produtos de alta tecnologia, de colaboração entre universidades e indústrias no setor da pesquisa, bem como em número de diplomados em ciências e engenharia.

Ásia Central e do Sul

A Índia, na 60ª posição global, é a mais bem colocada economia na Ásia Central e do Sul e tem apresentado excelentes desempenhos em inovação relativamente ao seu PIB per capita no decorrer dos últimos sete anos. Tem registrado melhorias na maior parte dos setores, entre os quais a infraestrutura, a sofisticação das empresas, conhecimentos e tecnologia, bem como resultados criativos.

A Índia ocupa o 14º lugar global, tendo em conta a presença de empresas de P&D global, consideravelmente melhor do que grupos comparáveis de economias de renda baixa e alta-média. Também supera a maior parte das outras economias de renda média em matéria de número de diplomados em ciência e engenharia, formação bruta de capital, GERD realizado pelas empresas e pesquisadores de alto nível, em termos de insumos; qualidade das publicações científicas, índice de crescimento do PIB por trabalhador, exportações de produtos de alta tecnologia e de TIC, exportações de mercadorias criativas, produções de alta tecnologia, bem como de receitas no plano da produção.

“As políticas públicas desempenham um papel primordial na criação de um contexto propício à inovação. No decorrer dos últimos dois anos, temos registrado importantes atividades em torno do GII na Índia, como a formação da Força-Tarefa de alto nível sobre a Inovação e exercícios de consulta sobre políticas de inovação e indicadores de melhores inovações”, disse Chandrajit Banerjee, Diretor-Geral da Confederação da Indústria Indiana.

A República islâmica do Irã (que ocupa a 75ª posição global) é excelente em matéria de educação superior e ocupa a segunda posição mundial em número de diplomados em ciência e engenharia. O



Tajiquistão (94ª posição) ocupa a primeira posição mundial em termos de empréstimos de micro financiamento, ao passo que o Cazaquistão (78ª posição) ocupa a primeira posição global em termos da proporção aluno-professor e a terceira pela facilidade da proteção dos investidores minoritários.

África do Norte e Ásia Ocidental

Israel (17ª posição geral) e Chipre (30ª posição geral) constituem as duas melhores classificações na região pelo quinto ano consecutivo. Israel tem registrado melhorias na despesa bruta com P&D e nas exportações de serviços de TIC, mantendo, ao mesmo tempo, posições de liderança no plano mundial em termos de pesquisadores, de transações de capital de risco, de GERD realizado pelas empresas e de pesquisadores de alta qualidade em empreendimentos empresariais.

Ocupando a terceira posição na região encontram-se os Emirados Árabes Unidos (35ª posição global), que se beneficiam com uma crescente disponibilidade de dados e mostram pontos fortes na mobilidade terciária de entrada, polos de inovação e inovação de modelos empresariais orientados para a TIC. Entre as 19 economias da África do Norte e da Ásia Ocidental, 16 se encontram na classificação global das 100 melhores, entre as quais a Turquia (43ª posição), o Qatar (49ª posição), a Arábia Saudita (55ª posição), o Kuwait (56ª posição), a Armênia (59ª posição), Bahrein (66ª posição), a Geórgia (68ª posição), o Marrocos (72ª posição), a Tunísia (74ª posição), Omã (77ª posição), o Líbano (81ª posição), o Azerbaijão (82ª posição) e a Jordânia (83ª posição).

América Latina e Caribe

As mais importantes economias da América Latina e do Caribe (Chile, México, Brasil e Argentina) dão mostras de dispor de trunfos específicos em termos de instituições, infraestrutura e sofisticação empresarial. O Chile, o México, o Brasil e a Argentina registram bons desempenhos nas áreas do capital humano e da pesquisa, tais como a qualidade de suas universidades, matrícula em educação superior e presença de empresas globais de P&D, assim como em matéria de tecnologia da informação e das comunicações, graças aos seus altos índices em matéria de serviços oficiais on-line e de participação on-line.

As classificações do GII desta região não registraram progressos significativos, relativamente a outras regiões, no decorrer dos últimos anos, e nenhum país da América Latina e do Caribe mostra atualmente desempenhos notáveis em matéria de inovação, levando em conta o seu nível de desenvolvimento.

"Como a América Latina, e especialmente o Brasil, está retornando a taxas de crescimento positivas, é importante estabelecer as bases para um desenvolvimento impulsionado pela inovação, principal objetivo da Mobilização Empresarial para a Inovação (MEI)," destacam Robson Andrade, presidente da CNI, e Heloisa Menezes, diretora técnica do Sebrae.



África Subsaariana

A África Subsaariana canaliza as suas melhores avaliações nas áreas das instituições e da sofisticação dos mercados. Nesta região, economias como a da Ilha Maurício, do Botsuana, da África do Sul, da Namíbia, de Ruanda e de Burquina Faso apresentam desempenhos equivalentes, ou até mesmo melhores do que os de alguns de seus homólogos do mesmo nível de desenvolvimento na Europa e no Sudeste Asiático, na Ásia Oriental e na Oceania.

Desde 2012, a África Subsaariana tem contado um número maior de países “conquistadores de inovação” do que em qualquer outra região. O Quênia, Ruanda, Moçambique, Uganda, Malawi, Madagascar e o Senegal ilustram-se por serem conquistadores de inovação neste ano e muitas vezes nos anos anteriores. Burundi e a República Unida da Tanzânia tornaram-se conquistadores de inovação neste ano. A preservação e a evolução desta dinâmica positiva na África Subsaariana é, agora, uma questão fundamental.



Sobre o Índice de Inovação Global

O Índice de Inovação Global 2017 (GII), na sua 10ª edição este ano, é publicado conjuntamente pela Universidade Cornell, pelo INSEAD e pela Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI, uma agência especializada das Nações Unidas).

Publicado anualmente desde 2007, o GII é hoje um instrumento primordial de avaliação comparativa para executivos empresariais, elaboradores de políticas e outros interessados que estejam em busca de informação sobre a situação da inovação no mundo inteiro. Os elaboradores de políticas, empresários e outros interessados usam o GII como avaliação dos progressos efetuados em base contínua. O estudo deste ano baseou-se na experiência dos seus Parceiros em Conhecimentos, da Confederação da Indústria Indiana, da Strategy& da PwC e da Confederação Nacional da Indústria (CNI) e do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE, bem como de um Serviço de Consultoria de Peritos Internacionais.

O âmago do relatório do GII consiste em uma classificação das capacidades e dos resultados em matéria de inovação das economias mundiais. Reconhecendo o papel primordial desempenhado pela inovação como desencadeadora do crescimento econômico e da prosperidade, bem como a necessidade de uma ampla visão horizontal da inovação aplicável às economias desenvolvidas e emergentes, o GII inclui indicadores que vão além das medições tradicionais da inovação, tais como o nível da pesquisa e do desenvolvimento.

Para apoiar o debate sobre a inovação global, para guiar as políticas e enfatizar as boas práticas, são necessários indicadores que avaliem a inovação e o respectivo desempenho ao nível das políticas. O GII cria um âmbito no qual os fatores de inovação se encontram sob avaliação contínua, inclusive as características abaixo:

- 127 perfis de países/economias, com dados, classificações, bem como os pontos fortes e fracos;
- 81 tabelas de dados para indicadores oriundos de mais de 30 fontes públicas e privadas internacionais, das quais 57 são dados concretos, 19 indicadores mistos e 5 perguntas de sondagem;
- Uma metodologia de computação transparente e reproduzível que inclui 90% de intervalos de confiança para cada classificação de índice (GII, sub-índices de entrada e de saída) e uma análise dos fatores que afetam anualmente mudanças nas classificações.

O GII 2017 é calculado como sendo a média de dois sub-índices. O Sub-Índice de Inovação Entrada avalia os elementos da economia nacional que comportam atividades inovadoras agrupadas em cinco eixos: (1) Instituições, (2) Capital humano e pesquisa, (3) Infraestrutura, (4) Sofisticação dos mercados e (5) Sofisticação empresarial. O Sub-Índice de Inovação Saída capta sinais reais de resultados inovadores, divididos em dois eixos: (6) Saídas em matéria de conhecimentos e de tecnologia e (7) Resultados criativos.



Cornell
SC Johnson College of Business

INSEAD

The Business School
for the World®



O índice é submetido a uma auditoria estatística independente realizada pelo Centro de Pesquisa Conjunta da Comissão Europeia. Para baixar a totalidade do relatório: www.globalinnovationindex.org.



Sobre a Universidade Cornell

A Universidade Cornell é uma universidade de pesquisa dotada de fundos privados que é parceira da Universidade Estadual de Nova Iorque. Na qualidade de concessionária de terras do Governo Federal no Estado de Nova Iorque, temos a responsabilidade de fazer contribuições em todos os campos do conhecimento de uma maneira que priorize o empenho público para estimular a melhoria da qualidade de vida em nosso Estado, em toda a Nação e no mundo inteiro. A Universidade Cornell criou um modelo renovado para a educação empresarial que reflita o próprio futuro da atividade empresarial: flexível, colaborativa e interdisciplinar. A instituição Cornell SC Johnson College of Business une as forças de três faculdades de administração de empresas credenciadas — a Charles H. Dyson School of Applied Economics and Management, a School of Hotel Administration e a Samuel Curtis Johnson Graduate School of Management, de maneira que cada aluno pode se beneficiar com a potência combinada da atividade empresarial em Cornell: um maior número de diplomas, de faculdades, de recursos e de especializações. Tanto para a resolução de desafios do mundo real como para uma profunda imersão num setor específico, a Cornell SC Johnson College of Business oferece algo único, significativo e durável.

Sobre o INSEAD, a *Business School for the World*

Como uma das principais e mais importantes escolas de Administração de Empresas, o INSEAD reúne povos, culturas e ideias com vista a mudar as vidas e a transformar as organizações. A perspectiva global e a diversidade cultural são refletidas em todos os aspectos de nossa pesquisa e de nosso ensino.

Com campus na Europa (França), na Ásia (Singapura) e no Oriente Médio (Abu Dhabi), o ensino da administração de empresas e a pesquisa do INSEAD estende-se a três continentes. Os 145 renomados membros da Faculdade, oriundos de 40 países, inspiram mais de 1.400 candidatos a diplomas que cursam anualmente os seus MBA, Executive MBA, Executive Master in Finance, Executive Master in Consulting and Coaching for Change e programas PhD. Além disso, mais de 11.000 executivos participam dos programas de ensino para executivos do INSEAD todos os anos.

No mundo inteiro e ao longo de décadas, o INSEAD continua a desenvolver pesquisas de ponta e a inovar através de todos os seus programas, com vista a criar líderes empresariais com os conhecimentos e a sensibilidade que lhes permitam operar em qualquer região do globo. Estes valores fundamentais têm possibilitado que o INSEAD se torne verdadeiramente a “Escola de Administração de Empresas para o Mundo” (*The Business School for the World*).



O programa de MBA do INSEAD foi classificado n° 1 pelo *Financial Times* em 2016 e em 2017.

Sobre a OMPI

A Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI) é o fórum global para as políticas de Propriedade Intelectual, serviços, informação e cooperação. Agência especializada das Nações Unidas, a OMPI presta assistência a seus 189 Estados membros, desenvolvendo uma estrutura jurídica equilibrada para a PI, com vista a atender as necessidades da sociedade, em constante evolução. Oferece serviços empresariais com vista à obtenção de direitos relativos à PI em múltiplos países e à resolução de conflitos. Ela desenvolve programas de construção de competências com vista a permitir que países em desenvolvimento se beneficiem com o recurso à PI. E oferece acesso livre a bases de conhecimentos únicas para a informação sobre a PI.

Parceiros de Conhecimentos

A Confederação da Indústria Indiana, a Strategy& da PwC e a Confederação Nacional da Indústria (CNI), bem como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – Sebrae – colaboram como Parceiros de Conhecimentos em 2017.

Os Parceiros de Conhecimentos acreditam no papel da inovação no aumento da competitividade das nações, possibilitando o crescimento econômico, orientando mudanças societárias e construindo os alicerces do futuro de um país.

Estão empenhados na produção de um recurso valioso e imparcial. Os Parceiros de Conhecimentos apoiam a elaboração do GII, contribuem para os capítulos analíticos ou estudos de casos para o relatório do GII e participam das discussões e da divulgação dos resultados obtidos pelo GII.

Sobre a CII

A Confederação da Indústria Indiana (CII) trabalha com vista a criar e sustentar um âmbito propício ao crescimento da indústria na Índia, estabelecendo parcerias com indústrias e com governos, através de processos de consultoria e de aconselhamento. A CII é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, voltada para a indústria e gerida pela indústria, que desempenha um papel proativo no processo de desenvolvimento da Índia. Fundada em 1895, a primeira associação empresarial indiana tem mais de 8.300 membros, oriundos do setor privado e também de setores públicos, entre os quais PMEs e grupos multinacionais e membros indiretos constituídos por mais de 200.000 empresas oriundas de cerca de 250 estruturas industriais dos setores regional e nacional.



Sobre a Strategy&

A Strategy& é uma equipe global de estrategistas práticos empenhados em ajudar os interessados a aproveitarem as vantagens fundamentais. Este trabalho é feito através do acompanhamento do interessado com vista a resolver os seus problemas mais difíceis e a ajudá-lo a captar as suas maiores oportunidades. Temos 100 anos de experiência de consultoria estratégica e competências sem igual industriais e funcionais da rede PwCW. Fazemos parte da rede PwC de empresas em 157 países, com mais de 223.000 pessoas dedicadas ao trabalho de produzir qualidade em serviços de seguros, tributos e consultoria.

Sobre a CNI-Sebrae

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) é a representante da indústria brasileira. É o órgão máximo do sistema sindical patronal da indústria e, desde a sua fundação, em 1938, defende os interesses da indústria nacional e atua na articulação com os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, além de diversas entidades e organismos no Brasil e no exterior.

Representa 27 federações de indústrias e 1.250 sindicatos patronais, aos quais são filiadas quase 700 mil indústrias. Administra diretamente o Serviço Social da Indústria (SESI), o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e o Instituto Euvaldo Lodi (IEL).

O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) é uma entidade privada, sem fins lucrativos, que promove a competitividade e o desenvolvimento sustentável dos empreendimentos de micro e pequeno porte.

Através de sua experiência tornou-se especialista em desenvolvimento de micro e pequenas empresas no Brasil. Seu papel é promover o empreendedorismo, fornecendo orientação para apoiar as pequenas empresas a crescer e gerar mais emprego, ajudando a desenvolver a economia brasileira.

Possui uma rede de quase 700 centros de serviços regionais, contando com mais de 5.000 especialistas em pequenas empresas e um grande grupo de consultores externos que trabalham para transferir conhecimento e know-how para quem possui ou pretende abrir uma empresa.



CONTATOS DE IMPRENSA

Organização	Nome	Email	Telefone
Universidade Cornell	Sarah Magnus-Sharpe	sm2374@cornell.edu	+1-607-254-7109
INSEAD Europa	Sophie Badre	sophie.badre@insead.edu	+33 1 60 72 4526 +33 6 86 07 33 75
OMPI	Samar Shamon Edward Harris	samar.shamon@wipo.int edward.harris@wipo.int	+41 22 338 8161 +41 22 338 7224